

# AS VÁRIAS FACES DA GUERRA EM *VENTOS DO APOCALIPSE* E *OS SERTÕES*

Maria Aparecida Nascimento de Almeida - UEPB  
Felipe Pereira da Silva - UEPB  
Rosilda Alves Bezerra –UEPB (orientadora)

## INTRODUÇÃO

Vestígios atestam as primeiras guerras das quais se têm registro ocorreram cerca de 2.500 anos antes de Cristo, tal fato aponta o histórico de conflitos como aspecto intimamente ligado as divergências da própria condição da existência humana.

Defendemos o debate sobre guerra e literatura, pelo fato desta enquanto forma sensível de expressão humana apresentar reflexões acerca dos conflitos antes mesmo da história, o que ocorre, segundo Patrick Chabal (1994, apud MATA, 2012), devido “o poder da narrativa literária de amenizar dores e tornar mais fácil relatar os traumas sociais, já que a história nem sempre está preparada para essa empreitada”.

Além dessa sensibilidade literária, considerada adequada para o trato de temas traumáticos; saliente-se a ausência de discussões relacionadas a essa temática, o que denota a pertinência desse debate como contribuição para o âmbito teórico-literário, pois com o objetivo de apagar a memória de guerra os “detentores do poder” traçaram uma política de silenciamento, devido os transtornos ocasionados por essas discursões, constituindo-se como uma tentativa de manipulação da memória coletiva.

É inegável que desde os primórdios da humanidade os conflitos sempre foram justificados pela busca de soberania e poder, levando a degradação dos subordinados; da mesma forma ocorreu o processo de colonização português tanto no Brasil quanto em Moçambique, mas se em nosso país o processo de independência ocorreu sem a necessidade de um conflito armado a realidade vivenciada pelas colônias portuguesas em África foi outra. Conforme nos afirma Leite (2012), ao apresentar o retrato de uma sociedade ainda não recuperada de uma guerra colonial, já arrasada por uma guerra civil.

Ao Observar este aspecto, o presente estudo propõe uma análise comparativa entre a literatura produzida no Brasil e em Moçambique no mesmo contexto de guerra civil, com o objetivo de investigar as várias faces da guerra em *Os Sertões* e *Ventos do Apocalipse*, analisando convergências e divergências, processos narracionais estéticos

bem como diálogos intertextuais. Tal perspectiva de tratamento permite-nos observar as abordagens culturais e os conflitos internos e externos gerados quando se deparam tradição e modernidade; possibilitando uma apreciação sob os aspectos: histórico, cultural, político, social e subjetivo, a partir das perspectivas: literária e sociológica da modernidade e pós-modernidade.

## **1. Da realidade a ficção: a literatura como forma de revelação**

A proposta de discussão aqui apresentada traz ao centro do debate dois aspectos relevantes da literatura: o poder de recriação da realidade e sua capacidade de se constituir como veículo de denúncia social. O que podemos confirmar ao comparar o contexto histórico social vivenciado no Brasil e em Moçambique com aquele no qual as supracitadas narrativas são ambientadas.

A guerra civil moçambicana durou 16 longos anos (de 1976 a 1992) deixando mais de um milhão de mortos, provocando êxodo interno e obrigando mais de 1.600.000 habitantes a se refugiarem em países vizinhos, pois além de fugirem dos horrores da guerra, estes precisavam buscar formas de subsistência, já que os conflitos abalaram a economia do país.

Assim ao propor uma pesquisa literária intercultural se faz necessário traçar um panorama dos países onde ocorreram os embates, já que esse tipo de pesquisa pressupõe um debruçar-se sobre uma abordagem que perpassa as culturas e adentre a história a fim de compreendermos o contexto literário e de produção no qual as obras foram escritas, pois esse conjunto de fatores é indispensável para que se possa levar em consideração suas diferenças e especificidades, não se cometendo o erro de reduzi-las a partir de um critério de homogeneização, pelo fato de ambas serem escritas na língua portuguesa, pois “a língua em que constroem um espaço de identidade é, sobretudo uma linguagem cultural, mais do que verbal” (MATA, p. 47, 2012), nem de tolerância, já que não há parâmetro algum capaz de definir uma hegemonia cultural.

De autoria da escritora moçambicana Paulina Chiziane **Ventos do Apocalipse** apresenta a partir de uma fusão entre oralidade e escrita, tradição e modernidade, reflexões a cerca de temas e conflitos que fizeram e fazem parte da estrutura social do país de sua nacionalidade. Ao enveredar para uma pesquisa histórica sobre

Moçambique, evidenciamos a inevitabilidade de trazer ao centro da discussão, no caso da literatura, as guerras e todas as consequências degradantes que estas acarretam.

É importante evidenciar que Moçambique vivencia tal situação desde as guerras de libertação quando a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), alcançou o apoio popular, bem como o de grupos e movimentos político partidários como a Udenamo (União Democrática Nacional de Moçambique), e Coremo (Centro Revolucionário de Moçambique) dentre outros; além da aprovação de alguns países do continente, o que levou a luta armada contra Portugal iniciada em 1964, pois este se recusava a reconhecer a independência moçambicana.

Após muitos embates um acordo foi firmado e a independência foi proclamada no dia 25 de junho de 1975, data do aniversário de fundação da FRELIMO. Vale destacar que após a legitimação da libertação vários foram os grupos dissidentes que reivindicaram a representatividade política do território, o que gerou a eclosão das guerras civis, pós-coloniais. Essa contextualização apresentada por Hernandez (2008) torna-se fundamental para compreensão do projeto literário de Paulina Chiziane, pois esta autora, ao longo de sua produção, trás à tona antigos conflitos.

Com relação à obra literária *Os Sertões*, esta foi tomada para esse estudo por oferecer a oportunidade de reflexão sobre diferentes realidades conflituosas retratadas pela literatura no período pós-colonial em Moçambique e no Brasil. É importante ressaltar que a supracitada obra narra às investidas republicanas contra o Arraial de Canudos no período de transição da Monarquia para a República, devido o fato do líder desse povoado, Antônio Conselheiro, ter tecido fortes críticas ao sistema de governo republicano, passando a ser perseguido com os seus seguidores, por serem considerados uma ameaça à soberania nacional. Como torna-se perceptível através das considerações de Zizek,

Nos últimos 25 anos do século XIX, nasceu em Canudos, município do estado da Bahia, uma verdadeira organização social econômica e política, criada com base num complexo sistema econômico religioso, e liderada por Antônio Conselheiro. Essa comunidade desenvolveu um “conceito de trabalho mútuo, cooperativo e solidário”. Em Canudos, que chegou a ter 24 mil moradores e 5,2 mil lares, havia uma espécie de poder comunitário sociomístico, religioso e assistencial, inspirado na “fraternidade igualitária do comunismo cristão primitivo”, no qual não havia fome. “Todos trabalhavam juntos”. Ninguém tinha nada. Todos trabalhavam a terra, todos lavravam. Colhiam... Esse é seu... Esse é seu. Ninguém ganhava mais nem menos. [...] Canudos foi arrasada pelo Exército brasileiro, e Antônio Conselheiro foi decapitado em 1897. (ZIZEK, 2012, p. 190)

Tais informações nos leva a percepção de que no caso das duas obras estudadas as questões de poder foram fundamentais para eclosão dos conflitos; mesmo vivenciando realidades sociais aparentemente distintas, nos propomos a investigar como os escritores conseguem dialogar entre si valendo-se de um processo de intertextualidade que prenuncia o cenário apocalíptico ocasionado pelas guerras.

No que toca o prenúncio de fim dos tempos, referimo-nos as narrativas em questão sob a perspectiva moderna dos quatro cavaleiros do apocalipse propostas pelo filósofo esloveno Zizek, pois as questões sociais são descritas metaforicamente como mensagens que revelam a proximidade do fim. Na obra moçambicana vários são os trechos que se reportam a presença dos quatro cavaleiros do apocalipse, os quais representam simbolicamente tudo que as personagens estão vivenciando: fome, morte, guerra e doença, conforme torna-se perceptível no trecho abaixo,

Descem do poente os cavaleiros do Apocalipse. São dois, são três, são quatro, o povo inteiro cava sepulturas. O quarto, o terceiro e o segundo já aterraram. O primeiro está quase a aterrar. O seu cavalo reverbera no Céu ofuscando a vista, gira, balança-se, rodopia, ginga, toma à posição de aterragem, os pés do cavalo estão a um milímetro do chão, o cavaleiro nobre sorri satisfeito, Deus tende piedade desse povo inocente! Perante o espanto do galhardo cavaleiro, o cavalo encolhe os pés, bate as asas para o alto e sobe, sobe, acabando por ficar suspenso nas nuvens. E a aldeia do Monte recebe o seu batismo de fogo. (CHIZIANE, 1999, p. 267)

Dentre os aspectos destacados, saliente-se a seca extrema ameaçadora da existência humana nas duas obras, o que nos permite traçar relações com as reflexões de Zizek, pois este refere-se à crise ecológica mundial como um dos cavaleiros do apocalipse.

Vale destacar que ao longo de todo romance encontramos um forte apelo religioso e um intenso processo de intertextualidade com a Bíblia, o que também pode ser constatado em *Os Sertões*, justificando essa referência aos diálogos intertextuais.

## **2. Reconciliando “a tragédia e a língua”**

[...]  
E é frente ao mesmo mar de teus anseios  
Que neste outro olhar recrio o gesto  
E reconcilio a tragédia e a língua.  
(Virgílio de Lemos, apud, Inocência Mata, p. 92, 2012)

A reconciliação com a língua dos colonizadores, proposta pelo poeta, os quais foram responsáveis por tantas tragédias em seu país, nem sempre se constitui como uma reconciliação submissa, pois os escritores que valem-se desta para se expressarem, traçam a inteligente estratégia de utilizar a língua portuguesa para reafirmarem suas marcas identitárias, revelando que a tentativa de subjuga-los fazendo-os calar, sofreu o processo inverso, possibilitando que os lamentos e as denúncias do colonizado ecoassem por todo o universo lusófono, o que não seria possível se a produção literária ocorresse nas diversas línguas nativas.

Utilizando-se desses recursos Paulina Chiziane propõe, em *Ventos do Apocalipse*, reflexões a cerca da guerra civil vivenciada em Moçambique no período pós-colonial, valendo-se de estratégias narrativas que divergem do cânone literário ocidental e externando através de sua escrita a resistência do seu povo ao processo de aculturação imposto pelo colonizador, essa autora propõe parâmetros literários específicos da cultura oral conforme constatamos,

Escutai os lamentos que me saem da alma. Vinde, sentai-vos no sangue das ervas que escorre pelos montes, vinde, escutai repousando os corpos cansados debaixo da figueira enlutada que derrama lágrimas pelos filhos abortados. Quero contar-vos histórias antigas, do presente e do futuro, porque tenho todas as idades e ainda sou mais novo que todos os filhos e netos que hão-de-nascer. Eu sou o destino. A vida germinou, floriu e chegamos ao fim do ciclo. Os cajueiros estão carregados de fruta madura, é época de vindima, escutai os lamentos que me saem da alma, KARINGANA WA KARINGANA. (CHIZIANE, 1999, p. 15)

Assim defendemos a hipótese de que não há uma inabilidade ou dificuldade dos autores na prática romanesca moçambicana como propõem alguns críticos literários, há sim uma estratégia narrativa de afirmação cultural, já que a escrita por si só representa aspectos culturais do colonizador. Vale destacar que no caso do supracitado romance não existe oposição, mas integração entre oralidade e escrita, demonstrando que o colonialismo e a modernidade não conseguiram sucumbir à tradição.

Em *Ventos do Apocalipse* observamos a abordagem de vários temas que inspiraram a produção literária moçambicana segundo nos afirma Leite, 2012, p. 214.

Um dos grandes temas é, sem dúvida, a guerra civil, a miséria e a fome, provocadas pelos muitos anos de sofrimento, e a despersonalização das personagens, a destruição dos laços clânicos pela necessidade de fugirem e se refugiarem em outras zonas. Em

simultâneo, o avivar das crenças e dos valores animistas, como último recurso para a esperança.

Tal perspectiva de abordagem temática torna-se pertinente se analisadas sob a ótica de Machado de Assis (apud, Mata, 2012), quando defende que “não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se de assuntos que lhe oferecem a sua região”. Não queremos aqui sugerir que as literaturas africanas devem seguir obrigatoriamente temáticas pré-definidas, mas essas abordagens sem dúvidas contribuem para um processo de afirmação identitária com base em aspectos culturais.

Desta forma oscilando entre um foco narrativo em primeira pessoa “[...] Quero contar-vos histórias antigas do presente e do futuro [...]” (p. 15) e em terceira pessoa “Os corpinhos invisíveis na noite seguem em desfile o caminho do som, transportando em cada cabecinha um feixinho de lenha, hoje não há lua” (p. 15); Paulina Chiziane apresenta no prólogo do supracitado romance um narrador profeta denominado destino, o qual revela-nos através dos contos populares que introduzem a narrativa, acontecimentos futuros, convidando-nos através de um processo de comunicação com o interlocutor, à semelhança de Machado de Assis, a escutar em tom memorialista os lamentos daquele povo que tem a alma dilacerada pelos traumas de guerras, patriarcalismo, poligamia, submissão dentre outros fatores que não cabem nessa análise, que assim como aqueles que marchavam em busca da terra prometida no Livro do Êxodo, apenas almejam chegar a um porto seguro, após serem expulsos da Aldeia de Mananga pela guerrilha.

Mas vale salientar, além do clamor, o tom de crítica a realidade socioeconômica externada no romance Ventos do Apocalipse, bem como a expressão das convicções de um narrador com formação cristã, o que não se resume apenas a relação entre o título da obra e o Livro do Apocalipse, escrito pelo apóstolo João a partir de visões, o que nos permite uma comparação com a postura do narrador Destino no prólogo, onde expõe acontecimentos relacionados a fatos futuros; como também pelas invocações a Deus e referência a passagens bíblicas (BEZERRA; SOUZA, 2014).

Após sua identificação o narrador utilizando-se da expressão KARINGANA WA KARINGANA, a qual transmite-nos o sentido de Era vez... reafirma nossa observação anterior quanto ao processo de produção desse romance, o que é confirmado pela própria autora que se define como “contadora de histórias”.

Mesmo externando a preferência de ser assim reconhecida evocamos Rancière (1995, p. 79) para justificar nossa referência à escrita dessa obra literária como romance poético,

O romance é a forma pela qual a poesia se torna, num só movimento, reflexão sobre si mesma e formação ética. É, portanto a forma de apresentação de um novo acordo do ser, do dizer e do fazer, de uma nova identidade da ética e da estética, não mais do lado (épico) da objetividade, mas do lado da subjetividade que se conhece a si mesma. O romance é a poesia da poesia se experimentando como pensamento, a “poesia progressiva e universal”.

Sendo assim nosso enfoque permitirá um olhar sobre as obras a que nos propomos pelo viés da subjetividade, e da escrita de si, enquanto comunidade no caso de Paulina Chiziane, e da escrita objetiva sobre o outro no que toca Os Sertões, com a propriedade de quem presenciou os conflitos externos, mas não sofreu a inquietação de quem estava incessantemente na defesa pela sua vida, pois este romance foi originado a partir de uma série de reportagens sobre a Guerra de Canudos publicadas no Jornal O Estado de São Paulo, do qual o autor era correspondente.

A postura de narrador observador adotada por Euclides da Cunha, externa não apenas a realidade dantesca vivenciada na região dos embates, o sertão da Bahia, como também os conceitos e pré-conceitos vigentes no Brasil em fins do século XIX, fundamentados pelas teorias racistas advindas da Europa, assimiladas e divulgadas aqui no Brasil tanto no âmbito científico quanto no literário pelo Naturalismo, estética da qual a obra carrega grande influência ao longo de suas partes constituintes: a terra, o homem e a luta, como podemos perceber através das palavras de Bosi, (2012, p. 212) “O conselheiro será, sempre, o fruto mórbido de uma cultura propensa à desordem e ao crime. Como a sociedade que o produziu, ele tende a reviver esquemas regressivos de conduta e de linguagem”.

Pelo exposto é público e notório, a situação calamitosa é bastante semelhante nas duas obras, mas o que justificaria a revolta e as blasfêmias contra Deus dirigidas pelo povo de Mananga, enquanto prevalecia a fé e a esperança no povoado de Belo Monte? Na tentativa de explicar esses conflitos internos buscaremos subsídios em Leite, (2012, p. 227) a qual defende que,

O conflito nasce perante a ausência da memória histórica e das práticas ancestrais, fruto das sucessivas colonizações, da guerra, da ocidentalização; as personagens debatem-se com um interior desconhecido ocultando-se de si.

Esta pode ser uma das possíveis explicações para comportamentos tão contraditórios como os apresentados pelas personagens nestas obras, outra possibilidade de análise mais densa é oferecida pelo escritor martinicano Franz Fanon, em sua obra *Os Condenados da Terra* (2005), a qual originou-se a partir da sua dupla experiência como psiquiatra e como militante das lutas de resistência anticolonial argelinas; onde propõe uma reflexão sobre o paradoxo dominante x dominado, observando que as condições de libertação perpassam por aspectos político, culturais e psicológicos, concluindo que a liberdade só se concretizaria de fato com a “descolonização do ser” (p. 12).

### **3. Retratando sociedades em crise de identidade**

As discussões acima propostas são indispensáveis aos estudos sobre literatura e guerra por oportunizar considerações a cerca das personagens suscetíveis a desenvolverem distúrbios psiquiátricos gerados pelos traumas de guerra, como é o caso da personagem Emelina, a partir da análise das “subjetividades em sofrimento”.

Porém é perceptível que tais personagens apresentam as características dos sujeitos-pós-modernos, pois estes assumem diferentes identidades em diferentes momentos, algumas até contraditórias; segundo Hall (2006) “formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p. 02).

Abrimos aqui um parêntese para reflexão, já que a referência à identidade e sujeito nos impulsiona a compreensão dos termos Modernidade e Pós-modernidade. É inegável que tal distinção não é tarefa fácil, conforme Taschner (1999, p. 07) elucida,

[...] o debate contemporâneo sobre a pós-modernidade vem da percepção de que estamos vivendo uma série de mudanças que nos afetam direta e indiretamente, e que é preciso entender – ainda que não se tenha chegado a um acordo claro sobre o significado e impacto de cada uma ou do conjunto delas sobre a vida social.

Assim a noção de pós-modernidade é construída em contraponto ao que entendemos como moderno; Giddens (1991) refere-se a pós-modernidade como “um deslocamento das tentativas de fundamentar a epistemologia, e da fé no progresso

planejado humanamente”. É importante salientar que esses termos apresentam características que não se resumem a questões sociais.

Traçando um paralelo com a temática aqui discutida, verificamos que o comportamento do sujeito moderno, também se apresentava restrito, diferente do sujeito pós-moderno, o qual apresenta características imprecisas tal como a definição deste termo, pois este sujeito vive em constante transformação, justificando o fato de determinados teóricos afirmarem que vivemos em um mundo das “identidades fluidas”.

Assim Tais características também se fazem presentes na literatura, segundo Francisco Noa (1999) pelo fato da literatura ligar a escrita ao mundo, aproximando-se do público leitor, perturbando e questionando a realidade vivenciada através dessa ligação, o que torna-se perceptível nas obras aqui discutidas. Além de Noa (1999) justificamos a pertinência de uma análise comparativa entre Ventos do Apocalipse e Os Sertões, segundo as considerações de Appiah (1997, p. 201),

A cultura pós-moderna é a cultura em que operam todos os pós-modernismos, ora em sinergia, ora em competição; uma vez que a cultura contemporânea, a certos sentidos a que voltarei, é transnacional, a cultura pós-moderna é global – embora isso não signifique, de maneira alguma, que ela seja a cultura de todas as pessoas do mundo.

É importante destacar que a noção de modernidade e pós-modernidade aqui discutidas partem de um conceito histórico, sociológico e cultural impulsionando pelo capitalismo que se contrapõe a modernidade culminando em uma abordagem literária.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É inegável que a constante mudança identitária do sujeito pós-moderno, torna complexa a abordagem desse aspecto, mas esse desafio não deve ser repudiado, pela relevância dessa discussão, pois segundo afirmar Homi Bhabha (1998) os deslocamentos culturais encontram-se intrínsecos nos discursos pós-coloniais contemporâneos. Assim diferente da concepção iluminista, o sujeito pós-moderno é construído historicamente e não biologicamente, o que se contrapõe ao determinismo geográfico pregado em Os Sertões.

Para além dessas reflexões, destacamos as palavras de Alice Cherki, no prefácio da edição de 2002, quando nos chama a atenção para a possibilidade de atualização das

reflexões de Fanon (p. 20) “[...] deve-se reler *Os Condenados da Terra* além do período histórico circunscrito em que foi escrita essa obra, e à luz da nossa modernidade”. Já que essa obra nos possibilita a observação criteriosa dos deixados à margem pela modernidade e globalização.

Assim constituindo-se como veículo de denúncia social, a literatura possui o poder de atribuir o lugar da fala a quem lhe é direito, acesso nem sempre concedido no âmbito social, fazendo com que os marginalizados passem da mera situação de observados a agentes do discurso, questionando a situação socioeconômica e reivindicando o direito de igualdade ainda não concretizado através das estratégias narrativas de autores socialmente engajados como Paulina Chiziane, a qual estabelecendo um pacto de autoficção trás à tona toda sua inquietação.

## REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**. Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BEZERRA, Rosilda Alves; SOUZA, Francisca Zuleide Duarte. **A Mulher moçambicana e sua relação com a guerra em Ventos do Apocalipse**, de Paulina Chiziane.

BHABHA, Homi k. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. Lisboa: Caminho, 1999.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**; tradução de Raul Fiker. - São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África em sala de aula: visita a história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

HALL, Stuart. “A Identidade em Questão”. In: **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro DP&A, 2006. Disponível em <http://>

[www.cefetsp.br/edu/geo/identidade\\_cultural\\_posmodernidade.doc](http://www.cefetsp.br/edu/geo/identidade_cultural_posmodernidade.doc). Acessado em 04/06/2014.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MATA, Inocência. **A invenção do espaço lusófono: a lógica da razão africana**. In: A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões. Luanda: Editorial Nzila, 2007.

NOA, Francisco. **Literatura colonial em Moçambique: o paradigma submerso**. Disponível em: [http://macua.blogs.com/moambique\\_para\\_todos/files/literatura\\_colonial.pdf](http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/files/literatura_colonial.pdf). Acessado em 25/10/2014.

TASCHNER, Gisela B. A Pós-modernidade e a Sociologia. In: **Revista USP**, São Paulo, Edição 42, Junho/Agosto/1999. Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/42/01-gisela.pdf>. Acessado em 03/06/2014.

ZIZEK, Slavoj. **Vivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012.